



## A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO BÁSICO

Data de recebimento: 12/04/2017

Aceite: 20/05/2017

Fernanda de Souza Pedroso CAMPELO (UNEMAT)<sup>1</sup>  
Jocineide Macedo KARIM (UNEMAT)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo, inscrito na área da Sociolinguística, tem por objetivo evidenciar a importância dessa ciência na formação docente. Objetivamos também, apresentar a contribuição dos conhecimentos sociolinguísticos no desenvolvimento das aulas de língua portuguesa, ou seja, do português brasileiro<sup>3</sup>. Argumentamos que a Sociolinguística influencia de forma favorável no ensino do português brasileiro nas escolas e que uma boa formação nessa área permite que o professor desenvolva aulas de língua materna eficazes. Como *corpus* de análise, apresentamos entrevistas realizadas com docentes formados em Licenciatura Plena em Letras, buscando compreender as atitudes linguísticas que esses têm em relação à formação docente, a Sociolinguística e às aulas de língua portuguesa.

**Palavras-chave:** Sociolinguística, Formação docente, Atitudes linguísticas.

**Abstract:** This study, enrolled in the area of Sociolinguistics, aims to evidence the importance of this science in teacher training. We also aim to show the contribution of sociolinguistic knowledge in the development of Portuguese language classes, that is, Brazilian Portuguese. We argue that Sociolinguistics influences in a favorable in the teaching of Brazilian Portuguese in schools and that a good formation in this area allows the teacher to develop effective mother tongue classes. As corpus of analysis, we did interviews with teachers graduated in languages, to understand the linguistic attitudes in relation to teacher training, Sociolinguistics and Portuguese language classes.

**Keywords:** Sociolinguistics, Teacher training, Linguistic attitudes.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras (Português/Inglês e Respectivas Literaturas) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* de Sinop (2010). Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa e Inglesa (pela mesma Instituição, 2012). Atualmente, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT – *Campus* de Cáceres - 2016). ([fernandaspedroso@hotmail.com](mailto:fernandaspedroso@hotmail.com))

<sup>2</sup> Professora Doutora em Linguística do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística/UNEMAT/Cáceres - Coordenadora do projeto de pesquisa: Aspectos linguísticos e culturais da comunidade mato-grossense. Bolsa de Estudos de Supervisão em nível de Pós-Doutorado UEMS/PNPD/CAPES ([jocineidekarim@yahoo.com.br](mailto:jocineidekarim@yahoo.com.br)).

<sup>3</sup> Segundo Bagno (2004) no Brasil se fala uma língua distinta da falada em Portugal. Para o autor é impossível que países com ecologia, composição étnica, cultura, história, geografia, entre muitos outros fatores, falem a mesma língua. Dessa forma, o pesquisador argumenta que a língua falada no Brasil é totalmente diferente da falada em Portugal, por isso a denominação português brasileiro, para caracterizar a língua falada no Brasil. Nessa perspectiva, “Estamos numa etapa intermediária na história da nossa língua. Quinhentos anos atrás, ela podia ser chamada simplesmente de português. Hoje, ela pode e deve ser chamada de português brasileiro. Daqui a mais quinhentos anos, ela sem dúvida só poderá ser chamada de brasileiro”. (BAGNO, 2004, p. 177).



## 1. Introdução

Consideramos que a língua é viva, dinâmica e heterogênea. Nessa perspectiva, pretendemos mostrar nesse estudo, que ao se aprofundar em estudos sociolinguísticos, o docente melhora sua prática pedagógica, uma vez que perceberá que os falares dos alunos não podem ser considerados errados<sup>4</sup>, tratam-se de variedades linguísticas que se constituíram de acordo com fatores linguísticos e extralinguísticos.

Perscrutando a história e constituição da língua falada no Brasil, é possível compreender que só consideram determinados falares como erro, aqueles que desconhecem o processo de constituição do português brasileiro. Nesse sentido, Faraco (2012, p. 49) declara que: “Sem muita exceção, esses conselheiros gramaticais deixam transparecer um espantoso descobrimento da história da língua e da realidade linguística nacional”.

Argumentamos que o docente deve socializar com o alunado sobre as demais variedades do português brasileiro, além da variedade padrão, nas aulas de língua materna, uma vez que o português não se resume a variedade padrão, há diversas outras variedades que constituem e permeiam a história de nossa língua portuguesa falada no Brasil.

Nesse panorama, esse artigo está estruturado em partes. No primeiro momento, explanamos a teoria da Sociolinguística: seu surgimento, relevância, e especialmente sua concepção de língua, posteriormente apresentamos as contribuições dessa ciência no desenvolvimento das aulas de língua materna, em seguida, socializamos a análise do *corpus* e por fim, expomos as considerações finais desse estudo.

O corpus constitui-se de perguntas estruturadas desenvolvidas com sete entrevistados graduados em Licenciatura Plena em Letras, no qual, a maioria atua como professor de língua portuguesa, de forma que somente dois desses entrevistados não estão atuando como professor dessa disciplina. Os sujeitos da pesquisa desenvolvem seus trabalhos em escolas da rede pública de ensino.

---

<sup>4</sup> Erro trata-se de uma palavra que não se aplica a língua, de acordo com Bagno (1999), ninguém comete erro ao falar a língua materna, assim um falante nativo jamais cometerá erros, pois está apto a falar a sua própria língua. Até mesmo a criança domina a gramática da sua língua. Para o linguista a palavra erro refere a saberes secundários, dessa forma não cabe a língua. O autor esclarece que pode até existir “erros de português”, trata-se nesse caso, de sentenças agramaticais, mas essas jamais serão produzidas por um falante nativo.



Aos entrevistados foi proposto um questionário contendo quatorze perguntas relacionadas com a formação docente, ensino da língua portuguesa, prática pedagógica, termos sociolinguísticos e livro didático.

## 2. A Sociolinguística

A Sociolinguística é uma ciência que surgiu em um Congresso organizado por Willian Bright na Califórnia. Assim, nos dias compreendidos entre “11 a 13 de maio de 1964, por iniciativa de Willian Bright, 25 pesquisadores se reuniram em Los Angeles para uma conferência sobre a sociolinguística” (CALVET, 2002, p. 28).

O teórico procurou evidenciar quais fatores promovem a diversidade linguística, em resposta a essa indagação, ele apontou três circunstâncias que propiciam essa diversidade, são elas: a identidade social do falante, a identidade social do destinatário e o contexto. Assim, Bright marcou o início dessa nova ciência que propunha uma visão distinta das teorias que dominaram o século XX abordadas pelos linguistas Saussure e Chomsky.

“[...] os linguistas que trabalham dentro da tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento da langue” (LABOV, 2008, p. 217).

Dessa forma, o século XX foi marcado por estudos de natureza essencialmente formalista, uma vez que esses estudos conferiam a Linguística maior cientificidade, durante esse século o importante era os estudos apresentarem caráter científico. Nesse sentido, a relação linguagem/sociedade proposta pela Sociolinguística não era tão relevante.

Percebe assim, que nem o estruturalismo proposto por Saussure, tampouco o gerativismo enfatizado por Chomsky estudavam a língua em situações reais de uso, dessa forma, a Sociolinguística trouxe contribuições imprescindíveis aos estudos linguísticos.

Essa ciência considera a língua passível de mudanças, pois se trata de uma entidade viva, que está em constante processo de transformação. Nessa perspectiva, variações não são vistas como erros, pois fatores extralinguísticos como: sexo, idade, escolaridade, entre outros, sempre irão influenciar no modo de falar das pessoas. Assim, a Sociolinguística estuda a língua no contexto social.

## 3. Contribuições da Sociolinguística no ensino do Português Brasileiro



Esse artigo está filiado à área da Sociolinguística e, traz algumas indagações relacionadas à formação docente no que tange a conhecimentos relativos à disciplina de Sociolinguística, ao nível de graduação. Nessa perspectiva, busca-se ressaltar a importância do docente possuir conhecimentos sociolinguísticos ao ministrar aulas de língua materna no ensino básico. O interesse por esse tema se deu, por acreditarmos que o professor de língua materna deve ter um conhecimento considerável sobre a língua que se ensina. Conhecimento que diz respeito à origem, a formação e variantes dessa língua. É isso que nos instigou a desenvolver esse estudo. Assim, questionamos: o discente sai da universidade com um conhecimento considerável sobre esses tópicos?

De acordo com Ilari (2006):

[...] por isso gostaríamos que o professor de língua materna não fizesse do conhecimento gramatical o único fundamento de sua autoridade. Existem fundamentos possíveis?

Sim, existem. O professor de língua materna é alguém que optou por conhecer sua própria língua tanto na teoria como na prática, e por compartilhar esse conhecimento com indivíduos em formação. (ILARI, 2006, p. 234).

Acreditamos na relevância, do discente do Curso de Letras conhecer a história da língua materna que pretende ensinar, para que em sua prática pedagógica socialize essa história com seus alunos. Socialize também a existência das variantes dessa língua. Nesse contexto, Castilho (2012, p. 32) argumenta que: “nunca se formam verdadeiros conhecedores da língua nacional”.

Para tal, é preciso uma carga horária significativa da disciplina de Sociolinguística nas Universidades. Elegemos essa temática uma vez que muito se aborda a relevância de privilegiar um ensino livre de discriminação e preconceito, mas em relação aos usos linguísticos dos alunos, questionamos: os professores são preparados para combater o preconceito linguístico? Como resposta a esse questionamento acreditamos que às vezes, mesmo sem intenção, o professor acaba impulsionando o preconceito linguístico nas aulas de língua materna, pois falta o embasamento teórico sobre esse assunto. O currículo das escolas também devem se adaptar a essas novas exigências, contemplando no ensino o acesso as variantes do país.



Parece truísmo discorrer sobre esse assunto, mas é visível a quantidade de docentes que desconhecem a história e origem da língua que ensina. Encontramos também, na maioria das vezes, professores que não sabem se devem ou não corrigir os falares dos alunos, e se veem confusos diante dessas situações. Nesse contexto, ao falar sobre norma, Castilho (2012) questiona qual a relação dessa com a realidade social dos alunos, e que percepção têm dela os docentes e complementa: “qual tem sido a atuação da universidade no preparo desses professores”. (2012, p. 27).

Ao conceituar o termo norma, o autor aborda que há um conceito estrito e um amplo. O primeiro trata-se da coesão social, assim, as pessoas buscam assemelhar seus falares aos da classe de prestígio. O segundo diz respeito aos usos da classe de prestígio.

Ainda sobre norma, Faraco (2012) diferencia norma culta de norma padrão, para o teórico a norma culta designa a norma linguística praticada em algumas situações (que exigem certo grau de formalidade), por grupos que controlam o poder social e têm acesso a cultura escrita. O autor frisa que esse termo foi criado pelos próprios falantes dessa norma. A norma padrão por sua vez estabelece coações sociais, tentando a todo custo unificar a língua.

Dessa forma, esse estudo pretende abordar a relevância de se contemplar na formação de professores conhecimentos sociolinguísticos, porque acreditamos que essa formação influencia de forma favorável no ensino de língua materna nas escolas, proporciona um ensino eficaz, um ensino livre de preconceito.

Outro fator considerável consiste no fato que grande parte dos docentes que atuam nas instituições escolares teve um ensino básico totalmente tradicional, e esses acabam por ensinar da mesma forma como foram ensinados, uma vez que a maneira como se aprende fica arraigada no indivíduo, e isso acaba refletindo na prática docente, assim, somente uma boa formação sobre o português brasileiro pode mudar esse ciclo.

Nessa perspectiva, Dias (2001, p. 17)<sup>5</sup> argumenta:

Hoje, vemos no ensino formal de Língua Portuguesa o reflexo de muitas dessas crenças da Antiguidade; os professores continuam propagando uma tradição, muitas vezes sem saber por que o fazem, com a justificativa de que “sempre foi assim”, mesmo constatando que aquela forma tradicional não tem contribuído para a formação de leitores, redatores e oradores mais competentes, nos diversos gêneros textuais, nas diversas variedades da língua, como seria esperado o ensino oferecido pela escola.

---

<sup>5</sup> Contribuições da Sociolinguística Educacional para materiais de formação continuada de professores de língua portuguesa.



Nesse contexto, é possível perceber que as teorias linguísticas contemporâneas não fizeram parte do ensino básico dos docentes que atuam nas instituições escolares. Assim, cabe à academia apresentar essas teorias e preparar o futuro professor para trabalhar o ensino de língua materna de maneira competente com seus alunos. Se em sua formação básica o trabalho com a língua materna foi essencialmente tradicional, é papel da universidade apresentar modelos de ensino que promovam a inclusão. Assim, “Tudo isso nos leva a considerar as responsabilidades do ensino superior no preparo e contínua atualização dos professores secundários [...]” (CASTILHO, 2012, p. 32).

Nessa perspectiva, a Linguística, e mais especificamente a Sociolinguística tem muito a contribuir no ensino de língua materna, uma vez que o aprimoramento nessa ciência é capaz de transformar a concepção dos docentes no que diz respeito à noção de “erro”. Ao se aprofundar nos estudos sociolinguísticos, constata-se que os “erros” não existem, o que há são diferentes variantes, a noção de “erro” foi associada às variedades distintas da variedade padrão. E essa, é uma concepção equivocada e errônea, pois na língua sempre existirá variantes, não há como a língua ser homogênea, porque essa se constitui de acordo com fatores linguísticos e extralinguísticos.

Assim, ao explorar a história das línguas, a concepção de “erro” é quebrada, uma vez que em toda e qualquer língua, sempre existirão diversos modos de falar, pois esses modos se constituem de diferentes maneiras, assim, não há como atribuir a língua à homogeneidade. Como dito anteriormente, a noção de “erro” diz respeito a tudo que foge da norma padrão.

Embasado nessas concepções, é possível desenvolver um excelente trabalho nas aulas de língua materna, pois de acordo com as características dos falares do aluno, o professor pode apresentar as diferentes variedades linguísticas constituintes do país, e mostrar que não existem “erros”, mas distintos falares, cada qual com sua característica e especificidade. Ao aplicar esse tipo de prática pedagógica as aulas de língua materna tornam-se mais receptivas para os educandos e aquela concepção preconceituosa deixa de fazer parte do ensino, conseqüentemente os aprendizes tendem a aceitar melhor as aulas de língua portuguesa.

Cabe salutar, que defendemos o ensino da norma padrão, uma vez que a escola como lugar de democratização deve promover a inserção social dos alunos, a problemática está na maneira como esse ensino é trabalhado, muitas vezes de forma preconceituosa e discriminatória.



Ao ensinar o português brasileiro, o professor pode fazer uso das variantes dos alunos, mostrando assim, que todas são importantes, pois fazem parte da história do país, simultaneamente apresentar a norma padrão, evidenciando que em algumas circunstâncias é exigido o uso dela. Nessa perspectiva, o professor deve expor que na sociedade existem diferentes esferas comunicativas, e cada uma delas contempla um tipo de falar, evidenciando assim, que todos os falares são importantes. Com essa prática pedagógica o aluno não se sentirá discriminado, tampouco criará aversão à norma padrão.

Em relação ao ensino da norma padrão, Possenti (2009, p. 16) argumenta:

Eu *não* acuso os intelectuais brasileiros (antes que imaginem que faço apologia do vale-tudo e da incompetência) de defenderem os valores relevantes ligados à língua padrão (como a correção), mesmo que o façam por ignorância. É um direito, e, às vezes, um dever – que, no entanto, eles travestem de preconceito, o que não ajuda sua causa, mesmo se justa. Mas eu os acuso de serem absolutamente incapazes da mais singela análise que já não esteja pronta, e de não terem, por isso, autoridade para despejar suas críticas – cuja única fonte é uma tradição cuja historicidade desconhecem. (POSSENTI, 2009, p. 16).

Dessa forma, nas aulas de língua materna, o docente deve explicitar que cada situação comunicativa exige um tipo de variedade linguística e não dizer ao educando que sua fala está errada, mas prepará-lo para diferentes atividades enunciativas, pois essa é a verdadeira função da escola: permitir que o aluno desenvolva com segurança diversas práticas comunicativas, e isso inclui a norma-padrão.

Nesse contexto, a Sociolinguística defende o ensino da norma padrão, pois isso é um dever da escola e um direito do aluno, no entanto, é preciso deixar claro nas aulas de língua materna que a língua portuguesa não se resume a norma culta, que essa é uma das variantes do país dentre muitas outras, e que todas elas são importantes e devem ser valorizadas.

A problemática consiste no fato que na maioria das vezes, as aulas de língua portuguesa contemplam somente a norma padrão, inviabilizando o acesso as demais variantes do país.

A esse respeito, Ilari (2006, p. 231) acrescenta:

[...] Na prática, a escola não tem trabalhado a partir de um plano voltado para enriquecer sistematicamente a competência linguística do aluno; tem-se preocupado em criar no aluno uma outra competência que, supostamente, coincide com a competência linguística das classes mais cultas.





Diante do exposto, é válido argumentar que assim como é um direito do aluno ter acesso à norma padrão, esse também tem por direito conhecer os demais falares do país. Com esse tipo de trabalho, o alunado perceberá que seu falar e dos seus não é inferior, sendo tão importante quanto os demais, isso permitira que esses alunos tornem-se mais abertos para as aulas de língua materna, pois essas deixarão de ser vistas somente como um lugar de correção.

Nessa perspectiva, corroborando Castilho (2012, p. 26):

O mais adequado será sensibilizar o aluno para a variabilidade linguística, correlacionando-a com as situações a que corresponde. Esse comportamento implica “descondicionar o público de uma visão conteudística do ensino da língua portuguesa” mediante a realização de atividades bastante motivadoras, porque voltadas para a observação dos fatos da linguagem. Conduzimos assim o aluno a evitar preconceitos e a preparar-se para uma eventual mudança ambiente.

Essa metodologia além de beneficiar as aulas de línguas de língua materna, evita a erradicação das variedades linguísticas, uma vez que ao privilegiar somente o uso da norma padrão, a escola e a mídia tendem a disseminar o preconceito linguístico e erradicação das variedades linguísticas que diferem da norma padrão.

Sobre o preconceito linguístico é relevante acrescentar que esse deveria ser levado mais a sério, uma vez que ele é tão grave quanto a preconceitos em relação à cor, raça, opção sexual. Ressoando Possenti, (2009, p. 22): “[...] Ainda é preciso provar que ele existe e que é um preconceito”.

#### **4. Análise das entrevistas: Atitudes linguísticas dos professores**

Nesse momento, iniciaremos a análise do *corpus*, que se constitui de 14 perguntas realizadas com sete docentes formados em Licenciatura Plena em Letras, buscamos por meio das perguntas compreender a percepção que os professores têm das aulas de língua portuguesa no Brasil, os conhecimentos desses docentes sobre a ciência sociolinguística e, a visão que esses apresentam em relação a formação docente.





Na primeira pergunta, aplicada aos entrevistados indagamos: *o que você procura privilegiar nas aulas de língua portuguesa<sup>6</sup>*? As respostas dos professores entrevistados revelam que eles acreditam ser indispensável nessas aulas, a leitura e interpretação textual. Todas as respostas contemplam essas duas atividades nas aulas de língua materna.

A visão dos professores dialoga com uma das quatro propostas de Silva (2012), na qual a linguista aborda que o objetivo da escola é promover situações que converta o aluno em: “um leitor eficiente de textos variados, desde os escritos em estilo familiar até os literários, especialmente os contemporâneos” (SILVA, 2012, p. 238).

A segunda pergunta indagava: *O que você considera primordial no ensino de língua portuguesa?* Nas respostas a essa questão, mais uma vez a leitura e interpretação textual foram ressaltadas pelos professores, no entanto, também apareceu à produção textual que não havia sido mencionada nas respostas da primeira pergunta. Nessa segunda pergunta, somente dois professores não elencaram as atividades de leitura, escrita e interpretação, um deles considera primordial nas aulas de LP a valorização da norma culta, e outro professor elencou atividades que auxiliem na formação cidadã dos alunos.

A terceira pergunta aplicada aos entrevistados foi: *o que você considera primordial na formação de um professor de língua materna?* Acredito que essa pergunta direciona esse estudo, e sem dúvida, influencia todas as demais, pois a formação docente é à base de todo o processo de ensino e aprendizagem, e, conhecer o que os professores consideram essencial nessa formação é indispensável. As respostas a essa pergunta foram bem divergentes, e somente um entrevistado abordou a importância da Sociolinguística na formação, as demais respostas contemplam a gramática, domínio da língua escrita e oral e duas convergem na pesquisa-ação.

Buscando compreender, como ocorreu à formação docente desses professores no que diz respeito aos conhecimentos sociolinguísticos, segue a quinta pergunta aplicada: *Na sua formação, você teve contato com os termos: preconceito linguístico, variedades linguísticas e noção de “erro” adotada pelo professor de língua materna? Como você compreende esses conceitos?* Nas respostas dadas em relação a essa questão dois dos entrevistados não tiveram acesso a esses termos na formação, no entanto, argumentaram que sabem do que se tratam esses vocábulos porque a formação continuada permitiu isso. Os demais relataram que

---

<sup>6</sup> Doravante LP



tiveram contato com esses termos na graduação, e um dos entrevistados acrescentou que esse conhecimento foi puramente teórico.

A sexta pergunta aplicada: *você propicia em suas aulas o acesso às diversidades linguísticas do país?* Como resposta, todos os docentes disseram que sim, um dos setes entrevistados afirma fazer isso de forma esporádica e somente em algumas turmas.

Em relação à aplicação da sétima questão: *Você contempla em suas aulas a história e constituição da língua portuguesa?* Nas respostas dos docentes somente um entrevistado afirma não fazer isso, no entanto, dois que responderam que sim, abordam fazê-lo de forma superficial, e um deles argumenta que a complexidade do tema não permite que seja aprofundado.

A pergunta de número nove: *Você considera os conhecimentos sociolinguísticos importantes nas aulas de língua portuguesa?* As respostas foram unânimes, todos consideram esses conhecimentos importantes nas aulas.

Pode-se perceber que apesar de todos considerarem esses conhecimentos importantes no desenvolvimento das aulas, quando perguntados<sup>7</sup> sobre o aspecto primordial na formação docente, somente um entrevistado elencou a relevância dos conhecimentos sociolinguísticos na academia, mas não argumentou sobre tal.

- (1) “É muito importante que o professor de língua materna compreenda noções básicas da sociolinguística”. (INF. 5)

Dessa forma, considerando que os conhecimentos sociolinguísticos são importantes nas aulas de língua portuguesa, é essencial que esses também o sejam na universidade, ou seja, a prática considerada importante nas escolas deve dialogar com a teoria proposta na universidade. Assim, faz-se necessário: “[...] uma formação universitária que inclua o conhecimento dos pressupostos da linguística”. (SILVA, 2012, p. 239). E conforme Castilho (2012, p. 32): “É necessário, portanto, rever o currículo de Letras, trazendo-o para a realidade do ensino e norteando-o mais claramente para a formação do professor”.

Também foi questionado aos entrevistados: *você inclui as orientações da Sociolinguística referente ao ensino de língua materna em suas aulas? De que forma?* Nas respostas a essa questão, todos os professores entrevistados afirmaram que sim. A maioria

---

<sup>7</sup> O que você considera primordial na formação de um professor de língua materna?



declara fazer esse trabalho por meio de textos e abordando que existem em nosso meio diferente falares, um dos entrevistados aborda que traz convidados à sala de aula, para que os alunos percebam a especificidade da fala.

Nessa perspectiva o informante declara:

(2) “Trazendo convidados até a nossa sala, para que possamos ouvi-lo e detectarmos a suas particularidades pelo jeito de falar, que revelará o local e a comunidade que reside” (INF. 3).

Em relação aos livros didáticos, perguntamos: *os livros didáticos com as quais você trabalha, contemplam as variedades linguísticas?* Nas respostas, dois professores entrevistados responderam somente que sim, os demais declaram que pouco e de forma tímida e superficial.

Observemos tais respostas:

(3) “Muito pouco, muitos livros ainda deixam a desejar neste assunto” (INF. 3).

(4) “Contemplam superficialmente” (INF. 4).

(5) “Muito pouco, a maioria destes assuntos são encontrados nas internet no momento do planejamento da aula” (INF. 7).

Segue a próxima pergunta que trata do mesmo assunto: *Há nesses livros, algum capítulo específico que trabalha as variedades linguísticas?* Nas respostas, dois dos professores entrevistados responderam que não, os demais responderam que sim, e uma das respostas nos chamou bastante atenção:

(6) “Sim, porém muitos incitam o preconceito linguístico com exercícios de correção de determinada fala” (INF. 7).

Em (6) acima temos, uma questão muita séria, uma vez que o preconceito linguístico é tão grave quanto os demais preconceitos existentes na sociedade, e os livros didáticos, de forma alguma devem incitar esse tipo de preconceito, uma vez que os materiais escolares devem apresentar conteúdos que promovam a inclusão, e não a exclusão do alunado.



A respeito do preconceito linguístico, Possenti (2009) declara:

[...] discriminar alguém com base em sua gramática ou sotaque é equivalente a discriminar alguém por critérios como raça e sexo, [...] quando se nega a linguagem de alguém, é como se tais pessoas (ou tais grupos de pessoas) estivessem sendo considerados como não tendo sequer direito à voz. O que é mais grave até do que perseguir e censurar (POSSENTI, 2009, p. 24).

Ainda sobre o livro didático segue a pergunta de número 13: *sobre as orientações (dispostas no final dos livros didáticos), você já observou se nessas orientações, há assuntos direcionados a inserção das variedades linguísticas no ensino da língua materna?* Nas respostas a essa pergunta houve somente duas afirmativas, e em uma delas o professor entrevistado disse que em alguns livros sim, mas dessas duas repostas afirmativas, uma específica nos chamou a atenção, segue a resposta:

(7) “Sim. Alguns de forma pejorativa, de forma estigmatizada e reforçando indiretamente o preconceito linguístico” (INF. 2).

Em (7) acima temos uma declaração que nos preocupa em relação aos livros didáticos, e nos leva a crer, que os livros didáticos devem ser revistos, de forma que não estimulem o preconceito linguístico.

O mais alarmante é que como o próprio nome já diz, trata-se de orientações, ou seja, devem auxiliar o professor no desenvolvimento das aulas. Essas orientações, na maioria das vezes, trazem leituras teóricas, há livros que apresentam dicas e atividades. Abordar orientações que incitam o preconceito linguístico nas aulas é desastroso e traz consequências graves ao ensino, uma vez que o aprendiz que considerar seu falar como estigmatizado nas aulas, tende a criar aversão às aulas de língua portuguesa.

Sobre esse aspecto, Castilho (2012) argumenta que:

“Resolver esse problema é o desafio lançado aos linguistas, aos educadores e às autoridades. Se insistirmos no ritmo atual e tentarmos impor o padrão linguístico de uma classe sobre a outra, continuaremos a promover nas classes mais baixas o “complexo de incompetência linguística” a que alude Aryon Dall’Igna Rodrigues (1975), enquanto as classes altas seguirão refugiando-se nas instituições particulares, aprofundando o fosso já existente entre esses dois estamentos. (CASTILHO, 2012, p. 31)



Na última pergunta indagamos: *concernente ao ensino da gramática, como você direciona esse ensino? Exemplifique.* Trazemos as respostas de dois docentes que contemplam esse ensino aplicado ao texto, no entanto, o fazem de forma distinta.

- (8) “[...] seleciono um texto de um aluno e vou trabalhando aspectos gramaticais que se distanciam da norma-padrão (sem identificar o aluno)” (INF. 2).

Já o informante número 7 o faz da seguinte maneira:

- (9) “O ensino da gramática deve ser contextualizado, então, caso estejamos trabalhando o gênero Carta, por exemplo, estudaremos pronomes de tratamento e outros assuntos pertinentes a este gênero” (INF.7).

A metodologia do informante (7) dialoga com a proposta de Neves (2002), na qual a linguista aborda que o ensino da gramática deve ocorrer com textos e faz críticas ao ensino gramatical descontextualizado do texto. Inserida nessa perspectiva, a linguista ressalta: “[...] como se houvesse gramática fora do texto e do discurso, ou como se a gramática não fosse exatamente o cálculo do sentido obtido quando se unem som e conteúdo na produção de enunciados, em determinada instância de interação”. (NEVES, 2002, p. 270).

## 5. Considerações finais

Nesse estudo, procuramos evidenciar que os conhecimentos sociolinguísticos contribuem significativamente nas aulas de língua portuguesa, dessa forma, é imprescindível, que no decorrer da graduação, a universidade contemple o acesso a esses conhecimentos, para isso, é necessária uma carga horária significativa de aulas de Sociolinguística.

Buscamos também compreender, por meio de entrevistas, aspectos que os docentes consideram importantes no ensino da LP e, na formação de um professor de língua materna. O questionário contemplou também perguntas com termos sociolinguísticos, para que os professores respondessem o que conhecem sobre esses termos.

Analisando as respostas dos entrevistados percebemos que apesar de considerarem a Sociolinguística importante no desenvolvimento nas aulas de língua materna, essa ciência



aparece em uma única resposta como primordial na formação do professor língua portuguesa, ou seja, no quesito formação docente para os entrevistados essa ciência ainda não atingiu seu devido valor. Dessa forma, é preciso buscar meios para que a Sociolinguística possa expandir-se, de forma a amenizar o preconceito decorrente dos usos linguísticos.

Outro aspecto a salutar é que ao engessar o ensino de LP somente a norma padrão, o aluno perde a oportunidade de conhecer os diversos modos de falar que constituem o país, assim, a problemática não está no ensino da norma considerada padrão, mas em considerar que essa é a única que deve fazer parte das aulas de língua materna.

Percebemos também nas falas dos docentes uma situação preocupante, trata-se dos livros didáticos, que em algumas circunstâncias incitam o preconceito linguístico, temos aqui uma problemática que merece estudos aprofundados, mas sintetizando é preciso que urgentemente aconteça a revisão em alguns livros didáticos e que esses contemplem a diversidade que permeiam nossas escolas, pois nosso alunado é bastante diversificado, assim, ao elaborar os materiais didáticos é preciso lembrar-se desse público tão heterogêneo. Na dificuldade de promover essa heterogeneidade nos materiais de ensino, o mínimo que se espera é que esse não promova o preconceito, nem deixe a entender que somente um jeito de falar pode ser considerado correto.

Diante do que foi exposto nesse estudo, é possível perceber que a Sociolinguística contribui significativamente nas aulas de língua portuguesa, e que essa ciência não é desconhecida pelos docentes, no entanto, há muito que se fazer no sentido de como inserir esses conhecimentos na prática escolar. Nessa perspectiva, Neves (2002, p. 267) argumenta: “[...] se é inquestionável que os alunos de Letras devem estudar linguística -, por outro lado, parece que não está nada assentado quanto ao que fazer com essa linguística quando os egressos da universidade assumem a outra ponta, no processo de ensino”.

Nesse sentido, é preciso investir na base, ou seja, na formação para que as aulas de língua portuguesa no ensino básico seja lugar de inclusão, possibilitando o acesso aos falares constituintes do país, valorizando assim a identidade linguística de cada aprendiz.

## 6. Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico. O que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa.** 4ª. ed – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.



- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de; FARACO, Carlos Alberto. SILVA, Myrian Barbosa da. IN: **Linguística da norma**. 3ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- DIAS, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **Contribuições da Sociolinguística Educacional para materiais de formação continuada de professores de língua portuguesa**.  
[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9336/1/2011\\_PaulaMariaCobucciRibeiroDias.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9336/1/2011_PaulaMariaCobucciRibeiroDias.pdf)  
Acesso em 13/06/2016 às 15:00.
- ILARI, Rodolfo. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- POSSENTI, Sírio. **Língua na Mídia**. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. Ed. - São Paulo: Ática, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Fotografias Sociolinguísticas**. Campinas, SP: Pontes, 1989.